



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2024

Dayane Costa de Souza Pena & Cristina Moreira Marcos

A recusa do corpo sexuado na anorexia

Revista Affectio Societatis, Vol. 21, N.º 41, julio-diciembre de 2024

Art. # 10 (pp. 1-18)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN



A RECUSA DO CORPO SEXUADO NA ANOREXIA¹

Dayane Costa de Souza Pena²

Centro Universitário Doctum

dayanecspena@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9137-3846>

Cristina Moreira Marcos³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

cristinammarcos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2481-2172>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v21n41a10>

Resumo

Neste artigo, servindo-nos do aporte metodológico de uma revisão bibliográfica, propomos investigar a hipótese de que a anorexia, a qual se desencadeia em resposta

à puberdade, pode ser concebida como uma recusa do corpo sexuado – aqui como recusa do corpo feminino –, sobretudo daquilo que nesse corpo se correlaciona à emer-

-
- 1 Este trabalho foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 - e ainda integrou a pesquisa “Modos de subjetivação na atualidade: A clínica do excesso e a adolescência”, Processo Nº 404647/2021-9 Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes.
 - 2 Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); mestra em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); Psicóloga pela UFSJ; Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doctum (UniDoctum); Membro do Laboratório de Clínica Psicanalítica: Invenções Subjetivas na Atualidade (LAPSI).
 - 3 Psicanalista. Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris 7; Docente permanente do Programa de Pós-graduação Stricto-Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); Professora Titular da Faculdade de Psicologia/FAPSI da PUC Minas; Coordenadora do Laboratório de Clínica Psicanalítica: Invenções Subjetivas na Atualidade (LAPSI); Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2/Cnpq.

gência de um novo gozo sexual. A passagem pelo cruzamento da puberdade implica para o adolescente também uma paradoxal iniciação sexual, que não é isenta de impasses. Assim, a anorexia surgiria como uma resposta do sujeito frente a uma dificuldade, ou mesmo, uma imposibilidad de adentrar a lógica da sexualización e asumir un cuerpo sexuado. Com o intuito de enriquecer a nossa discussão, optamos por trazer ainda alguns fragmentos do filme *Tem um*

vidro sob minha pele (2014) da diretora Moara Passoni. Sem qualquer pretensão de esgotar una análisis desse filme, apostamos que a articulação entre os recursos de imagem e de discurso, ali emprendida, pode nos ajudar a abordar pontos específicos condizentes à problemática e a extrair consequências para una clínica psicanalítica com a anorexia.

Palavras-chave: anorexia, recusa, corpo, puberdade.

EL RECHAZO DEL CUERPO SEXUADO EN LA ANOREXIA

Resumen

En este artículo, utilizando el apoyo metodológico de una revisión bibliográfica, nos proponemos investigar la hipótesis de que la anorexia, que se desencadena en respuesta a la pubertad, puede concebirse como un rechazo del cuerpo sexuado —en este caso, como un rechazo del cuerpo femenino—, especialmente de lo que en este cuerpo se correlaciona con la emergencia de un nuevo goce sexual. El paso por el cruce de la pubertad implica también para el adolescente una iniciación sexual paradójica, no exenta de obstáculos. Así, la anorexia aparecería como una respuesta del sujeto frente a la dificultad, o incluso la imposibilidad, de entrar en la lógi-

ca de la sexualización y asumir un cuerpo sexuado. Para enriquecer nuestra discusión hemos optado por traer algunos fragmentos de la película *Tem um vidro sob minha pele* [Hay un vidrio bajo mi piel] (2014), de la directora Moara Passoni. Sin ninguna pretensión de agotar un análisis de esta película, consideramos que la articulación entre los recursos de la imagen y el discurso allí emprendida puede ayudarnos a abordar puntos específicos relacionados con la problemática y extraer consecuencias para una clínica psicoanalítica con la anorexia.

Palabras clave: anorexia, rechazo, cuerpo, pubertad.

REJECTION OF THE SEXED BODY IN ANOREXIA

Abstract

In this paper, by using the methodological support of a literature review, we propose to investigate the hypothesis that anorexia, which is triggered as a response to puberty, can be considered a rejection of the sexed body – in this case, as a rejection of the feminine body – especially of what in this body correlates with the emergence of a new sexual enjoyment. Passing through the crossroads of puberty also entails paradoxical sexual initiation for adolescents, not without obstacles. Thus, anorexia would appear as a response of the subject to the difficulty or even the impos-

sibility of entering into the logic of sexuation and embracing a sexed body. To enrich our discussion, we have used some excerpts of Moara Passoni's film *Tem um vidro sob minha pele* [Glass under my skin] (2014). Not pretending to exhaust the analysis of this film, we consider that it undertakes an articulation between the resources of image and discourse that can help us address specific points related to the question and draw consequences for a psychoanalytic clinic with anorexia.

Keywords: anorexia, rejection, body, puberty.

LE REJET DU CORPS SEXUÉ DANS L'ANOREXIE

Résumé

Dans cet article, avec l'appui méthodologique d'une revue de littérature, nous nous proposons d'étudier l'hypothèse selon laquelle l'anorexie, qui se déclenche en réponse à la puberté, peut être conçue comme un rejet du corps sexué – en l'occurrence, comme un rejet du corps féminin –, en particulier de ce qui, dans ce corps, est corrélé à l'émergence d'une nouvelle jouissance sexuelle. Le passage par le carrefour de la puberté implique également pour l'adolescent

une initiation sexuelle paradoxale, non sans obstacles. Ainsi, l'anorexie apparaîtrait comme une réponse du sujet face à la difficulté, voire à l'impossibilité, d'entrer dans la logique de la sexuation et d'assumer un corps sexué. Pour enrichir notre propos, nous nous appuyons sur quelques fragments du film *Tem um vidro sob minha pele* [Il y a un verre sous ma peau] (2014) de la réalisatrice Moara Passoni. Sans aucune prétention d'épuiser l'analyse de ce film, nous

considérons que l'articulation entre les ressources de l'image et du discours qui y est entreprise peut nous aider à aborder des points spécifiques liés à la problématique et à en tirer des conséquences pour une clinique psychanalytique de l'anorexie.

Mots-clés : anorexie, rejet, corps, puberté.

Recibido : 04/15/2024 • Aprobado : 09/23/2024

Neste artigo, servindo-nos do aporte metodológico de uma revisão bibliográfica, propomos investigar a hipótese de que a anorexia, a qual se desencadeia em resposta à puberdade, pode ser concebida como uma recusa do corpo sexuado – aqui enquanto uma recusa do corpo feminino –, sobretudo daquilo que nesse corpo se correlaciona à emergência de um novo gozo sexual. Cosenza (2022) nos lembra que a passagem pelo cruzamento da puberdade implica para o adolescente uma iniciação sexual, por meio da qual se tornaria possível estabelecer “uma relação humanizada com o próprio corpo sexuado e com o gozo sexual” (p. 75). No entanto, como nada no campo do ser falante é tão simples, no âmbito da iniciação sexual adolescente achamos também algo de paradoxal. É Lacan, em seu “Prefácio a *O despertar da primavera*” (2003/1974), quem primeiro nos adverte que o próprio princípio da iniciação sexual adolescente comporta uma não iniciação – “que o véu levantado não mostre nada, eis o princípio da iniciação” (p. 558) –, ou seja, um outro modo de se dizer que “não há relação sexual” (Lacan, 2009/1971, p. 154). Logo, na iniciação sexual adolescente o sujeito também se depara com a inexistência da relação sexual, o que se faz uma descoberta deveras traumática para ele, na medida em que marca a impossibilidade de uma simetria e/ou de uma complementariedade entre os corpos e os gozos, desvelando ainda o furo no saber do Outro. Em vista disso, é que alguns impasses podem surgir no âmbito da iniciação sexual adolescente, dificultando ou mesmo impossibilitando ao sujeito adentrar a lógica da sexuação e assumir um corpo sexuado.

A imagem do corpo emagrecido da anoréxica evoca um corpo infantilizado, alheio à diferença dos sexos, aos relevos e impasses da feminilidade. O apagamento dos caracteres sexuais secundários remeteria a um certo ideal da anoréxica, conforme Soria (2016) ressalta, de fazer existir o corpo como pura imagem, imagem plana, num apelo mesmo ao espelho da infância. Com o intuito de enriquecer a nossa discussão, é que optamos por nos valer aqui também de alguns fragmentos do filme *Tem um vidro sob minha pele* (2014) da diretora Moara Passoni, fruto da sua pesquisa no Mestrado em Mídias da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que nos conta a história da personagem Beatriz, uma arquiteta, que aos trinta anos se (re)encontra com seus diários escritos entre as idades de onze e

dezoito anos. Tempo em que Beatriz vivenciou radicalmente a recusa, a fome, a dor, o isolamento e o autocontrole sob a forma da anorexia⁴. Desse modo, sem qualquer pretensão de esgotar uma análise do filme, apostamos na articulação entre os recursos de imagem e de discurso, ali empreendida, para abordarmos pontos específicos con-dizentes à problemática, extraindo consequências para uma clínica psicanalítica com a anorexia.

Em *Tem um vidro sob minha pele* (Passoni, 2014), os rituais de medição do corpo e a sua planificação pelos parâmetros da geometria, tal como a coleção de radiografias, parecem revelar o intuito da personagem Beatriz de “extrair do corpo o excesso próprio da carne, rechaçando o corpo em sua dimensão real, ali onde podemos colocá-lo como substância gozante, como carne” (Soria, 2016, p. 108, tradução nossa). Isso porque, muito provavelmente, algo falha para o sujeito enquanto recurso simbólico, impedindo a instauração de um véu fálico sobre o corpo, atributo de um ideal do Eu, ou, ainda, de uma mascarada feminina, que poderia inseri-lo numa dialética com o desejo do Outro.

A anorexia como uma recusa do sexual na puberdade

Freud, em “História de uma neurose infantil” (2010/1918[1914]), não deixa de proceder ao exame de um vínculo entre a anorexia e a adolescência; num breve comentário, deixa-nos uma valiosa orientação acerca de qual seria a posição anoréxica frente à irrupção da puberdade: “Sabe-se que em época bem mais adiantada, em meninas que estão na puberdade, há uma neurose que exprime a *recusa sexual* mediante a anorexia; é lícito estabelecer sua relação com essa fase oral da vida sexual” (p. 141, ênfase adicionada). Nesse trecho, já nos deparamos com os indícios de que na anorexia, desencadeada em resposta à puberdade, haveria justamente uma recusa do gozo sexual – o qual Lacan (2008/1972-1973) equivale ao gozo fálico, que, por sua condição de tributário da castração, faz-se limitado –, em privilégio da regressão a um gozo primário, canibalístico, contrário a uma perda do objeto.

4 Recuperado de www.anorexia.org/historia

Cosenza (2022) afirma que para alguns sujeitos a irrupção de um novo gozo na puberdade pode ser mesmo algo insuportável, na medida em que faltar aí uma mediação simbólica. Para compreendermos melhor esse cenário, recuperamos o que esse autor então propõe como sendo os três tempos lógicos da *iniciação sexual do adolescente* (ISA); iniciação sexual que deve ser apreendida enquanto uma passagem, um processo estruturado, que comporta escansões em seu percurso, os seus tempos lógicos, e cuja fórmula está descrita abaixo:

ISA = véu / nada

O primeiro tempo lógico da iniciação sexual adolescente é denominado por Cosenza (2018; 2022) de *o tempo do véu*. Para esse primeiro tempo, Cosenza se baseia naquilo que Lacan, em “Prefácio a *O despertar da primavera*” (2003/1974), reconhece como o despertar dos sonhos na adolescência, dado pela representação onírica da relação sexual, que permite ao adolescente saber o que significa ter um encontro sexual com outro. “A clínica mostra que esse despertar coincide com uma primeira erupção de gozo no corpo do jovem, que várias vezes atinge o orgasmo” (Cosenza, 2022, p. 74). Com isso, estabelece-se uma ligação entre o gozo real do corpo e a representação psíquica da relação sexual, fazendo com que a relação sexual exista de um modo singular para o sujeito, dentro do seu quadro fantasmático, sendo capaz de produzir uma excitação sobre o seu corpo (Cosenza, 2018; 2022).

O tempo do véu é relativo a uma escansão que leva o sujeito, talvez pela primeira vez, a reconhecer o seu corpo como um corpo sexuado e uma orientação para o seu desejo sexual. Devido à importância para a relação do sujeito com o próprio corpo e suas implicações para o desejo e o gozo, Cosenza (2018; 2022) alça o tempo do véu da iniciação sexual ao estatuto de um estádio — o estádio do véu —, tal como na infância temos o estádio do espelho, inclusive, sendo possível encontrar nele aquele mesmo efeito de uma satisfação jubilosa sobre o adolescente.

Poderíamos dizer que o estádio do espelho permite à criança passar da experiência de um corpo fragmentado à experiência de um corpo unificado, ao passo que o estádio do véu, no início da puberdade, permite transformar um corpo unificado em um corpo se-

xualmente orientado, em condições de entrar na dialética da vida amorosa. (Cosenza, 2018, p. 317).

Para Cosenza (2022), a passagem pelo estágio do véu suscita no sujeito uma relação humanizada com o corpo sexuado e com o gozo sexual, sendo que este se torna correlato ao gozo fálico, um gozo no discurso, que possui uma estreita vinculação com a fantasia e, dessa maneira, orienta o desejo na direção de um parceiro sexual e/ou amoroso. Entretanto, se há de um lado um véu, é porque, de outro lado, há alguma coisa a ser encoberta. E é assim que chegamos ao segundo tempo lógico da iniciação sexual, o ponto mais delicado de todo esse processo, também nomeado pelo psicanalista italiano de *o tempo do trauma*. Neste, dá-se a descoberta da inexistência da relação sexual para o adolescente, o quer dizer que, para cada encontro sexual seu com um parceiro, haverá sempre um desencontro, uma não relação, pela impossibilidade de uma simetria e/ou de uma complementariedade entre os corpos e os gozos, que o saber do Outro não dá conta. O segundo tempo coloca o sujeito então diante da inconsistência do Outro (não há um saber que garanta a relação sexual), da parcialidade do gozo (nunca de uma satisfação plena), bem como da condição de que só existe gozo do corpo próprio.

Logo, a fórmula que Cosenza (2022) traça sobre o processo da iniciação sexual adolescente, a partir do texto de Lacan (2003/1974), apresenta um percurso que começa no Tempo 1 (T1) com a construção do véu fantasmático que faz existir a relação sexual, chegando ao Tempo 2 (T2), no qual o adolescente tem o encontro traumático com o nada que o véu recobre. O sujeito pode rechaçar, de várias maneiras, isso que ele descobre no segundo tempo, porém, sem que assuma as consequências da inexistência da relação sexual, não é possível dizer que ele sai da adolescência. Desse modo, podemos pensar que há ainda um Tempo 3 (T3) nesse processo, o qual corresponderia exatamente à saída da adolescência, sendo marcado pela tomada de uma decisão por parte do sujeito. “Poderíamos chamar *tempo da decisão* esse terceiro tempo, em que a relação do adolescente com o sexo é tomada na oscilação entre a fantasmática inconsciente que ele produz e o reconhecimento da castração simbólica” (Cosenza, 2018, p. 298, ênfase do autor). O terceiro tempo sanciona a assunção e a subjetivação da castração para o adolescente, que pode arcar com a decisão de entrar,

mesmo nessas condições, graças também à sua construção singular em torno da questão sexual, no jogo da vida amorosa (Cosenza, 2018).

A saída da adolescência não se dá, portanto, sem que ocorra antes aquilo que Lacan (1998/1958b) nomeia e Miller (2020) destaca como sendo “a intromissão do adulto na criança” (p. 40, tradução nossa). O “tornar-se adultos pela travessia do enigma da relação ao sexo, que implica na relação com o parceiro, tanto o encontro com Eros quanto com Tânatos” (Cosenza, 2018, p. 299) – eis a transformação propiciada pela iniciação. Todavia, como já antecipamos, os tempos lógicos da iniciação sexual adolescente não se sucedem numa linearidade e/ou sem percalços para o sujeito. Em vista das dificuldades que podem se interpor nessa travessia, Cosenza (2018) localiza no interior do processo de iniciação uma orientação para uma clínica diferencial da adolescência:

- Os casos em que o sujeito encontre seu próprio impasse fundamental no T2 do encontro e da travessia do trauma da não relação, tendo podido, ainda assim, elaborar sua própria construção fantasmática no T1;
- Os casos em que a construção fantasmática no T1 já é deficitária ou ausente, o que torna insustentável e frequentemente desastrosa a passagem do jovem ao T2 do encontro com a castração. (p. 299).

Há casos em que o impasse se deve a uma dificuldade em assumir a castração que se revela no T2 pelo encontro com o nada; nesses casos podemos reconhecer uma clínica da construção do sintoma neurótico na adolescência, ao passo que existem também aqueles outros casos que não são redutíveis a uma clínica clássica dos sintomas neuróticos, nos quais o sujeito não pode constituir no T1 um véu fantasmático para a relação sexual. Sem esse trabalho preliminar, a castração simbólica aparece como um abismo insustentável e o gozo sexual como obsceno, excessivo, sem uma mediação eficaz do significante que o humanize. Nesses casos, verificamos não haver propriamente a assunção de uma posição sexuada pelo sujeito, o que, por consequência, não lhe permite ingressar na vida sexual adulta (Cosenza, 2018, 2022).

É esperado que um fracasso na construção de um véu fantasmático seja colocado em evidência pelos casos de psicoses desencadeadas,

mas existem muitas outras situações clínicas nas quais os sujeitos ficam presos no primeiro tempo lógico da iniciação sexual adolescente, não achando aí uma porta de entrada para a sexuação (Cosenza, 2018; 2022). São os casos das ditas “novas formas sintomáticas”, ou ainda, como preferimos denominá-los, em consonância com Cosenza (2021), “casos de uma clínica do excesso” — dentre os quais encontramos algumas anorexias —, que se colocam como soluções alternativas ao gozo sexual. Soluções estas de caráter regressivo e antiseparatista, nas quais o sujeito fica aprisionado ao objeto de um gozo primário, um gozo pleno, autístico, como alternativa à inscrição no regime do gozo fálico (Cosenza, 2022). Isso quer dizer que na anorexia ficamos ante uma dificuldade, ou mesmo uma impossibilidade de o sujeito perder o objeto, via pela qual se daria a castração simbólica, com o retorno do objeto no real — aí a privação. É o nada que aqui se estabelece como o objeto do desmame em detrimento do seio, mas não pelo que foi perdido, e sim pelo que fica mantido na boca. Pois, ao fazer da castração uma privação, o sujeito na anorexia “positiva o gozo perdido no desmame, recuperando o mais-de-gozar ao comer nada” (Soria, 2016, p. 29, tradução nossa). Ou seja, nesse caso, o sujeito anoréxico não cede nada ao Outro, não visa o laço social, almejando apenas conservar um gozo primário, mítico, na boca e no corpo em geral. A consequência disso pode ser um impasse quanto à falicização do corpo feminino pela inscrição significativa, operação que justamente deveria introduzir o corpo na dialética do desejo. Sem a inscrição na ordem fálica, o corpo fica sob os efeitos de uma recaída no real em momentos cruciais à subjetivação, tal como acontece com a irrupção da puberdade.

“Estou nua na frente de um enorme espelho”: quando ocorre a erosão do véu fantasmático

A clínica tem demonstrado um crescimento quanto aos casos de adolescentes que apresentam alguma dessas soluções alternativas ao gozo sexual. Dessa forma, se até pouco tempo discutíamos as dificuldades da saída da adolescência ou o seu prolongamento, hoje a entrada dos sujeitos na adolescência é igualmente uma questão proble-

mática. Lacan (2003/1970), ao dizer da ascensão do objeto *a* ao zênite social e da conseqüente declinação dos ideais simbólicos, não deixa de apontar na direção de uma erosão do véu sobre o mistério do sexo, cujos efeitos podemos encontrar nos fenômenos sociais de publicização e banalização da cena sexual: “é a falta da fantasia e o vazio do romance familiar que emergem nos ditos das sessões” (Cosenza, 2022, p. 77). Nesse contexto, como podemos supor, faz-se precária ou mesmo ausente a constituição de um ideal do Eu, na condição de véu fálico⁵, que possa se configurar tanto como um modelo que oriente quanto um enigma para o desejo do sujeito — lembremos da referência ao Homem Mascarado de *O despertar da primavera* (Wedekind, 2022/1891) da qual Lacan (2003/1974) se serve.

A ausência ou mesmo a erosão do véu fantasmático expõe o sujeito a um encontro devastador com o gozo. Sabemos que em face de um certo despedaçamento do imaginário ocasionado pela irrupção do real da puberdade no corpo (Cunha & Lima, 2012), a própria adolescência pode configurar uma resposta do sujeito na direção de se realizar um tratamento simbólico para o real do gozo que excede no corpo púbere, a partir de uma escolha do sujeito fundamentalmente articulada ao significante – “é a escolha de um nome, de uma profissão, de um ideal, de uma mulher, de um homem. É a escolha de um sintoma com sua envoltura significante” (Stevens, 2013, p. 5). Sem um tratamento simbólico para o real do gozo, o corpo púbere se faz palco de um verdadeiro horror para o sujeito, e o sexual se reduz ao traumático encontro com o real do nada, com o vazio, sem implicar uma construção singular que possibilite ao sujeito assumir de fato uma posição sexuada, um corpo sexuado.

A personagem do filme, Beatriz, recorda-se de uma das poucas vezes em que se pôs diante de um espelho à época da sua adolescência, que é ainda a época da sua anorexia:

5 O ideal do Eu funciona como um véu sobre a castração do Outro e um modelo para o Eu. Mediante o ideal do Eu, diferentemente da onipotência do Eu ideal, o sujeito se encontra com um ideal pautado numa medida fálica, por estar referenciado pela posição daquele que é a exceção — o pai como aquele que tem o falo.

Estou nua na frente de um enorme espelho. Ergo as mãos contra minha face para não ver mais a imagem no espelho. Mas a imagem atravessa os vãos entre os dedos. Olho para a região confusa entre minhas coxas, uma vasta cabeleira de pelos pubianos cai indecentemente na moldura vazia sobre minhas virilhas. (Passoni, 2014).

Sobre isso, Passoni (2010) afirma que:

Perder de repente a menstruação, o sangue, o orgânico, o corpo, é converter-se em uma paisagem desértica, em areia. Ela transforma isso que é sujo, vital, que tem sangue, em uma seca. E a seca se converte em deserto, onde há uma serenidade: a perfeição desse seu mundo de areia pura. Visualmente, a anoréxica encontra aqui uma de suas grandes operações: a transformação da relação da descarga orgânica, de esterco, o sangue e de repente... um deserto. E o deserto é a pureza, mas também o vazio. (Passoni, 2010, p. 64).

Cosenza (2018) e Soria (2016) defendem que a anorexia, que se desencadeia em resposta à puberdade, pode ser concebida também como recusa de uma menina em possuir um corpo feminino, sobretudo daquilo que neste se correlaciona à emergência de um gozo sexual, os seus vestígios na forma dos caracteres sexuais secundários e da menstruação – vale lembrar que, inclusive, a amenorreia, durante muito tempo, foi considerada um critério para o diagnóstico médico de anorexia, mais precisamente, até o DSM IV-TR (Associação Americana de Psiquiatria, 2002). Eliminar a menstruação é também sobre eliminar as trocas com o Outro, conforme destaca Passoni (2010), numa maneira de não perder o objeto, de não ceder em nada.

Segundo Recalcati (2011), a anorexia pode tomar a forma de “uma manobra de denegação da castração como princípio normativo que institui a diferença dos sexos” (p. 121, tradução nossa), na qual o autor reconheceria um traço perverso – ou ainda, como nos perguntamos, se não se trata mesmo de um traço da época do Outro que não existe (Miller, 2005). Destacamos com isso a proposta de que ao menos em algumas anorexias, sobretudo naquelas que não respondem ao paradigma histórico, é possível localizar uma recusa à castração e à dissimetria – uma não complementariedade – entre os sexos. Secar todos os fluidos, apagar os caracteres sexuais do corpo,

como uma tentativa de aplanar e nivelar os seus relevos erógenos, é, desse modo, parte do esforço da anoréxica de constituir o corpo do Um, indiferente à diferença dos sexos e apenas passível de existir no plano do ideal da imagem (Eu ideal). Logo, podemos deduzir que o corpo do Um da anorexia é, na verdade, “um corpo-não-corpo, um corpo-descorporizado” (Recalcati, 2011, p. 121, tradução nossa), ao querer prescindir de toda carne. Entretanto, não devemos confundir isso com a ação do significante que produz o incorpóreo no corpo, ao negatar aí algo do gozo (Lacan, 2003/1970). O que, muitas vezes, encontramos nesses casos é justamente o oposto, a não extração de um gozo, um corpo dominado pela pulsão de morte, que o conduz ao próprio desaparecimento.

Sentir os ossos, ver marcar os ossos debaixo da pele, gozar ao perceber delinear claramente o curso dos músculos e das veias, . . . encantar-se frente à sensação da aparição do esqueleto, indicando efetivamente um gozo mais além do princípio do prazer. Um gozo que gravita em torno de algo que emerge da ressaca do corpo-magro como um objeto misterioso e inquietante. Algo que sobressai, um osso, um *os-bjet*, como escreveu Lacan, que se converte em objeto de fetiche: *mais-de ver* que anula o vazio da castração. (Recalcati, 2011, pp. 121-122, ênfase do autor, tradução nossa).

As frequentes apalpações do corpo, a sua contínua inspeção, bem como as purgações revelariam um processo de escavação do próprio corpo pela anoréxica para deixar emergir dele a sua unidade mínima, os ossos, que adquiririam para ela o estatuto de um objeto de fetiche. É “fazer aparecer no corpo-magro o falo ausente no Outro” (Recalcati, 2011, p. 122, tradução nossa). Afinal, os ossos são irreduzíveis, produto de toda purificação do corpo, objeto de inquestionável dureza: “olho para o meu torso e imagino, quase vejo, a beleza da espiral de minha espinha. Seguro minhas costelas; recubro as curvas dos ossos com os dedos enfiados entre uma costela e outra. Sinto meu coração” (Passoni, 2014). Sem dúvida, a personagem Beatriz se compraz aqui ao se deparar com as evidências dos ossos sobre a pele; não é por acaso que as radiografias são os únicos registros desse corpo que lhe interessam. Por não suportar olhar diretamente para o seu corpo, Beatriz nos diz que coleciona radiografias, para então medir-se “a partir do espaço azulado ao redor dos ossos, transparentes, nas radiografias” (Passoni, 2014, 40:30).

Podemos pensar que esse traço perverso, o qual Recalcati (2011) localiza na anorexia, aparece como uma resposta ante um impasse já no T1 da iniciação sexual adolescente. A erosão do véu fantasmático sobre a relação sexual, como sabemos, dificulta, ou mesmo impede, que o sujeito assuma uma posição sexuada e uma inscrição no interior da lógica fálica. Isso tem por consequência “uma não estruturação fundamental da equação corpo = falo e uma privação substancial do valor enigmático da vida sexual e amorosa” (Cosenza, 2018, p. 314), sendo que, de acordo com Cosenza (2018), essa questão ganha maior importância do lado das mulheres, posto que a função do véu é central para a construção de uma posição feminina na dialética fálica entre os sexos.

A função do véu é, de fato, um ponto pivô que permite à jovem, não tendo o falo em seu corpo como um órgão invisível, entrar como protagonista na mascarada feminina, deixando entrever ao parceiro masculino seu próprio valor fálico de mulher, de modo a causar assim o seu desejo. (p. 314).

Lacan, em “A significação do falo” (1998/1958a), revela-nos que a estrutura da relação entre os sexos se dá pela dialética de ser ou ter o falo. Nessa perspectiva, no nível simbólico, os homens são aqueles que tendem a ter o falo, enquanto as mulheres são aquelas que tendem a sê-lo. Isso porque, do lado delas, faz falta justamente um significante que designe *A mulher*. Sem deter o falo, mas, ainda assim, sendo por ele referenciadas, às mulheres resta a possibilidade de encarná-lo, de parecer sê-lo, na medida em que convertem o próprio corpo em um símbolo fálico. “Assim, à falta de ter o falo, a mulher cuida particularmente de sua imagem corporal de tal sorte que esta chega a adquirir o valor de falo: à falta de ter o signo identificatório do pênis, ela tem um *corpo feminino*” (André, 1991, p. 115, ênfase do autor).

A anorexia e a mascarada feminina

Ser o falo, eis uma mascarada feminina. Joan Rivière, uma psicanalista inglesa, é quem preconiza o feminino como uma máscara, proposta da qual Lacan (1999/1957-1958) se vale para dizer, especialmente,

da posição viril da histérica. Significa então que uma posição feminina pode se constituir a partir de uma máscara fálica, com efeito de véu, que recobre uma ausência insuportável e, ao mesmo tempo, implica o sujeito e o seu corpo numa relação com o sexo e na dinâmica do desejo do Outro, de modo a causar esse desejo, sugerindo a presença de uma feminilidade misteriosa (André, 1991). Esse véu passa a funcionar “como uma espécie de órgão simbólico no corpo da mulher e como produto de um trabalho singular de cada uma” (Cosenza, 2018, p. 315).

Podemos dizer que pela mascarada o corpo feminino é fetichizado; uma vez que ocorre a sua falicização, o corpo surge como um equivalente do falo (corpo = falo), ficando nítida a estrutura simbólica dessa operação. Se a mascarada pode ser tida como “uma encenação na qual a mulher finge dar o que não tem” (Val *et al.*, 2014, p. 251), é porque ela já está inserida numa dialética na qual se faz possível o ser sem o ter (o falo). A mascarada visa a parceria sexual, o Outro sexo, caracterizando, dessa maneira, uma estratégia que remete ao desejo e marca a presença de um laço discursivo (Val *et al.*, 2014). “Ser um falo, nem que seja um falo meio magrelo. Não está aí a identificação última com o significante do desejo?” (Lacan, 1998/1958c, p. 633) — aqui, Lacan comenta a posição da histérica frente ao enigma do desejo do Outro, mais especificamente, ele nos fala daquela espirituosa histérica de Freud, a Bela Açougueira, cujo caso, sabemos, é paradigmático para a anorexia na histeria.

Na anorexia histérica, o corpo magro metaforiza o falo como significante da falta do Outro. É por essa lógica que se dá a “estranha equação” da qual nos fala a personagem Beatriz: “o valor de alguém aumenta exponencialmente com o seu progressivo desaparecimento” (Passoni, 2014). Assim, a anoréxica coloca em cena a fantasia do seu desaparecimento com o intuito de provocar no Outro uma falta, somente então ela acredita poder encontrar um lugar para si no desejo do Outro ou uma prova do seu amor. Não menos arriscada que as anorexias situadas para além do paradigma histórico, a manobra anoréxica, nessa estrutura, “funciona como espécie de reserva fálica, à qual recorrer em momentos críticos, após o trauma da castração, que se apresenta em suas vidas amorosas pela exasperação da passa-

gem da magreza à sexualidade sintomática” (Cosenza, 2018, p. 311). Não se trata, portanto, de uma saída da norma fálica, na verdade, vemos aí mais um esforço do sujeito de nela permanecer diante da inexistência da relação sexual, desvelada na sua passagem pelo segundo tempo (T2) da iniciação, sendo a anoréxica histérica capaz de chegar aos ossos só para saber o seu verdadeiro valor para o Outro, numa razão sacrificial.

Se na anorexia histérica encontramos em funcionamento a equação corpo-magro = falo, o que significa que a cada perda de ponderal o valor fálico do corpo aumenta, ou seja, aumenta a sua desejabilidade (Cosenza, 2018), nos casos em que a anorexia surge em resposta a um impasse da construção de um véu fálico no registro simbólico (T1), como é a mascarada, a fetichização do corpo feminino não acontece ou, quando acontece, se dá de uma maneira precária a partir de uma identificação ao falo imaginário, não possibilitando ao sujeito a assunção de um corpo sexuado. O corpo sexuado é recusado pela anoréxica, pois “ela se recusa a encarnar a alteridade do sexo para um homem, ficando aprisionada à mesmice da Coisa do corpo materno” (Val *et al.*, 2014, p. 256).

Assim, nas anorexias situadas no para-além do paradigma histórico, a recusa da castração – efeito de uma falha na incorporação de uma versão do pai aperiitivo (*a-père-itif*), sobre a qual Lacan (1974-1975) nos fala – o pai em sua versão aperiitiva do gozar, é aquele que ao saber se servir de um certo gozo (sexual) pode colocar em cena a causa do seu desejo, configurando aí a sua transmissão – cuja função se torna apontar para as trilhas de uma parceria amorosa com o Outro sexo, retirando o sujeito do lugar de objeto dos caprichos maternos –, impõe um excesso pulsional que é mortífero e impossível de ser tratado somente pela imagem, transbordando nas distorções da imagem especular. Nesse corpo anoréxico parasitado por um gozo não extraído, denso e opaco, tampouco há lugar para uma parceria sexual e amorosa. Se há aqui um parceiro, ele é o real do nada, o qual a anoréxica devora e por ele é devorada, numa modalidade de gozo autístico. Em vista disso, não é sem motivo que ossos sejam tão valorizados pela anoréxica, em meio a tamanha desmesura de gozo, eles representam também um limite no ilimitado da anorexia.

Referências

- André, S. (1991). *O que quer uma mulher?* (2.^a ed.). Jorge Zahar.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5.^a ed.). Artmed.
- Cosenza, D. (2018). *A recusa na anorexia* (Y. Vilela, trad.). Scriptum.
- Cosenza, D. (2022). Tempos lógicos da iniciação sexual na adolescência (C. F. C. Grillo, trad.). In C. F. C. Grillo, B. F. Rocha & M. Mourão (Orgs.), *Janela da escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida* (pp. 66-80). Editora UFMG.
- Cunha, C. de F. & Lima, N. L. de (2012). Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 798-811. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XjNsbRjWypNrRJP7Xxkh5rR/?format=pdf&lang=pt>.
- Freud, S. (2010/1918[1914]). História de uma neurose infantil. In *Obras completas* (vol. 14, pp. 13-160, P. C. de Souza, trad.). Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário. RSI*. Versão sem estabelecimento. <https://es.scribd.com/document/342381189/Seminario-22-RSI-Lacan>
- Lacan, J. (1998/1958a). A significação do falo. In *Escritos* (pp. 692-703, V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998/1958b). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In *Escritos* (pp. 749-775, V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998/1958c). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In *Escritos* (pp. 591-562, V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999/1957-1958). *O seminário. Livro 5: as formações do inconsciente* (V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003/1970). Radiofonia. In *Outros escritos* (pp. 400-447, V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003/1974). Prefácio a *O despertar da Primavera*. In *Outros escritos* (pp. 557-559, V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008/1972-1973). *O seminário. Livro 20: mais, ainda* (2.^a ed., M. D. Magno, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2009/1971). *O seminário. Livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar.
- Miller, J.-A. (2020). En dirección a la adolescencia. In S. Geller (Coord.), *De la infancia a la adolescencia* (pp. 37-49). Paidós.
- Passoni, M. R. (2010). *Tem um vidro sob minha pele. Cultura e cinema: a construção de uma poética fílmica do corpo anoréxico* (vol. 1). Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=482205>.

- Passoni, M. R. (Diretora). (2014). *Tem um vidro sob minha pele* [Filme]. DOC. FILMES.
- Recalcati, M. (2011). *La última cena: anorexia y bulimia* (T. Rodríguez e M. Castillejo, trads.). Del cifrado.
- Soria, N. (2016). *Psicoanálisis de la anorexia y la bulimia*. Del Bucle.
- Stevens, A. (2013). Quando a adolescência se prolonga (A. M. Maia, trad.). *Opção Lacaniana Online*, 4(11), 1-15. http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Quando_adolescencia_prolonga.pdf.
- Val, A. C., Marinho, P. D. F., Ferreira, R. A. & Rosa, M. (2014). Anorexia: uma imagem desmascarada. *Psicologia em Revista*, 20(2), 243-259. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n2/v20n2a04.pdf>.
- Wedekind, F. (2022/1891). *O despertar da primavera: uma tragédia infantil* (V. M. Pastorelli, trad.). Temporal.